

Revista de Literatura,
História e Memória



Dossiê:

Autoficção: da memória à ficção

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 171-186

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: AUTOBIOGRAFIA
HÍBRIDA E CONSTRUÇÃO DE UMA AUTOESCRITA

Gabriel García Márquez's hybrid autobiography: self-
writing

Gabriel García Márquez: autobiografía híbrida y
construcción de una autoescritura

Kaline Cavalheiro da Silva¹

RESUMO: Estudos autobiográficos e da escrita de si constituem-se em vertentes crescentes no campo dos estudos da literatura e das artes, nas últimas décadas. Os quais permitem aos autores que refletem sobre a experiência da escritura, acionar memórias individuais e coletivas e ao mesmo tempo, pensar a própria obra e o fazer literário. Gabriel García Márquez nos apresenta um contexto

literário que abrange ao mesmo tempo uma escrita crítica e uma escrita criativa, a exemplo da *Viver Para Contar* (2003b). Nesta obra, o autor funde diferentes estilos de escritas deixando aparecer um texto híbrido. Neste sentido, este texto propõe-se a refletir sobre aspectos autobiográficos e da escrita de si, traços presentes na obra de García Márquez, visto que o autor explora elementos ficcionais, memorialísticos e históricos, em que se fundem elementos de autobiografia, memória, relatos, reportagens e entrevistas que revelam o sujeito escritor. A partir da leitura da obra deste autor, realizamos uma reflexão sobre a potencialidade da autobiográfica e ou escrita de si, destacando que observamos tal produção como uma escrita híbrida, a qual denominamos de autoescrita.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Escrita de si; Memória; Autoescrita; Textos híbridos.

ABSTRACT: Autobiographical studies and the writing of the self are a growing aspect of the field of language, literature and arts studies in the last decades. Which allows authors to reflect on the writing experience, trigger individual and collective memories and at the same time reflect on the work itself and on literature. Gabriel García Márquez presents us with a literary context that encompasses both critical writing and creative writing, *Living to Tell* (2002) fuse different writing styles, allowing a hybrid text to appear. Reflecting on autobiographical and self-writing, this research explores these genres where the fictional and historical merge with the example of autobiography, memory, reports, reports, interviews that reveal the subject writer. Based on its reading and analysis, we reflect on the potential of autobiographical or self-writing, formulating a hybrid in its writing, self-writing.

KEYWORDS: Autobiography; Self-writing; Memory; Self-writing; Hybrid texts.

RESUMEN: Los estudios autobiográficos y de autoescritura constituyen tendencias crecientes en el campo de los estudios literarios y artísticos en las últimas décadas. Las cuales permiten a los autores que reflexionan sobre la experiencia de escribir, desencadenar memorias individuales y colectivas y, al mismo tiempo, reflexionar sobre su propia obra y obra literaria. Gabriel García Márquez nos presenta un contexto literario que abarca tanto la escritura crítica como la creativa, como en *Vivir Para Contarla* (2003b). En esta obra, el autor fusiona diferentes estilos de escritura, permitiendo que aparezca un texto híbrido. En ese sentido, este texto propone reflexionar sobre los aspectos autobiográficos y la autoescritura, rasgos presentes en la obra de García Márquez, ya que el autor explora elementos ficcionales, memorialísticos e históricos, en los que se fusionan elementos de autobiografía, memoria, relatos. reportajes y entrevistas que revelan el sujeto escritor. A partir de la lectura de la obra de este

¹ Doutoranda na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), sob a orientação da Professora Doutora Lourdes Kaminski Alves. Bolsista CAPES. E-mail: kalikonno@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1491436484465236>.

autor, reflexionamos sobre el potencial de la escritura autobiográfica y/o de sí mismo, destacando que observamos tal producción como una escritura híbrida, a la que llamamos autoescritura.

PALABRAS CLAVE: Autobiografía; Autoescritura; Memoria; Autoescritura; Textos híbridos.

INTRODUÇÃO

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”.
(GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 4)

Em uma coluna para o periódico *El País*, no dia 6 de outubro de 1982, Gabriel García Márquez publicou uma crônica com o título “*Precisa-se de um escritor*” (1982). No referido texto, o autor aborda sobre a importância de seu trabalho como um construtor de histórias. García Márquez discute que em muitos momentos o que ele mais deseja em sua vida é um escritor. Acostumado a escrever contos e obras mais longas, o autor relata que se vê perdido, muitas vezes, quando necessita escrever uma simples carta de agradecimento, assim ele reflete que o exercício que faz semanalmente para escrever suas crônicas jornalísticas são de extrema importância na própria construção como escritor.

Nesta e em outras falas e crônicas de García Márquez, observamos um recorrente relato, o de que seu maior desejo era ser lembrado como um jornalista, seus textos jornalísticos são o suporte inicial para diversas obras ficcionais e o exercício de escrita jornalística é algo que o autor tem muito apreço: “*O jornalismo ajudou a minha ficção porque me manteve em relação íntima com a realidade.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.10). A crônica “*Precisa-se de um escritor*” (1982) demonstra a visão do autor em relação ao seu processo de escrita, a atenção admirável ao seu trabalho como escritor, cada história que ele narra coloca um pouco de sua vida nas entrelinhas, seja de uma reportagem, de um conto, ou de seus livros anteriores. Para García Márquez, escrever um livro é um trabalho diário e é nesse processo de escrita que o autor imprime um pouco de sua vida na obra ficcional, tal como é possível observar em algumas passagens de *Cheiro de Goiaba*: conversas com Plínio Apuleyo Mendoza (2014). Obra que reúne depoimentos com Apuleyo Mendoza, amigo, jornalista e escritor colombiano: “[...] Acho que um romance é uma representação cifrada da realidade, uma espécie de adivinhação do mundo. [...]. Um escritor só escreve um único livro, embora esse livro apareça em muitos tomos, com títulos diversos”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 81).

Estes fragmentos exprimem reflexões sobre o fazer literário para o autor, especialmente, refere-se ao modo como a literatura assimila uma memória coletiva e como a escrita do romance incorpora tal processo. Assim, tratando sobre o fazer literário, García Márquez também reflete

sobre a relação conflituosa com a escrita, tal como relata na crônica ao periódico *El País*. Este tema pode ser encontrado em personagens como Fernando Ariza da obra *O Amor nos Tempos do Cólera* (2014), no qual o personagem descreve a incapacidade em elaborar textos mais “simples” e diretos. A recorrência de fatos, hora narrados como reais, hora, no campo ficcional demonstram uma construção híbrida, observada na elaboração de personagens e na reelaboração da memória pessoal na obra de Gabriel García Márquez. São estes aspectos que pretendemos trazer para a análise, tomando como recorte a obra *Viver para Contar* (2003b). Interessa-nos ressaltar pontos de fusão entre o real e o ficcional, delimitando tais aproximações. *Viver para Contar* (2003b), autobiografia do autor, apresenta uma construção narrativa diversa, plural e híbrida.

AUTOBIOGRAFIA E ESCRITA DE SI: CONCEPÇÃO DE UMA AUTOESCRITA²

A epígrafe citada na introdução deste artigo foi empregada por Gabriel García Márquez para iniciar sua autobiografia, deixando claro ao leitor dois pontos fundamentais a serem explorados, primeiro que trata-se de sua autobiografia, segundo que o texto não é uma autobiografia convencional.

Antes de adentrarmos à obra do autor para analisar como se dá a construção do texto autobiográfico e em quais aspectos García Márquez se aproxima dos textos autobiográficos ou se afasta destes, demonstrando uma construção singular de estilo, necessitamos, primeiramente, definir o que compreendemos como um texto biográfico ou autobiográfico.

Segundo Philippe Lejeune (2008), a definição mais simples que podemos ter de um texto autobiográfico é de uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2008, p. 16) Assim, seria reconhecido como autobiografia, o texto que preenche esta definição, contudo, o estudo até aqui realizado nos indica que a construção autobiografia é muito mais complexa do que o relato real que uma pessoa realiza de sua própria vida.

Em *Viver para Contar* (2003b), García Márquez se propõe a escrever uma autobiografia e a relatar a sua vida, o principal parâmetro para se classificar um texto como autobiográfico é mantido, o autor deixa clara sua intenção, e de certa maneira realiza o seu propósito, mas ao

² Termo cunhado pela autora na dissertação de mestrado para pensar o *modus operandi* da escrita de Gabriel García Márquez, a partir do *corpus* da pesquisa intitulada *Autobiografia e Memória em Gabriel García Márquez: Ficcionalização de Si*. (2017).

mesmo tempo temos um autor que entra no processo de se tornar um personagem e, no caso de García Márquez, o personagem/autor do livro também é escritor ficcional, consequentemente a construção de sua narrativa autobiográfica difere dos parâmetros convencionais deste gênero ao abordar aspectos narrativos que se aproximam em alguns momentos mais do gênero ficcional do que ao autobiográfico. García Márquez não se distancia de nenhum desses papéis, personagem/autor, criando um híbrido de si, mantendo, inclusive o tom do real maravilhoso³ que lhe é peculiar em suas obras ficcionais.

Assim, este artigo instiga a refletir sobre o que diferencia o texto autobiográfico de outras narrativas e também, em que medida, esse texto se aproxima de outros gêneros, demonstrando as multifaces da escrita autobiográfica. Lejeune (2008), coloca que quando um autor se propõe a escrever uma autobiografia, este faz um pacto com o leitor e, consequentemente, ocorre um pacto do leitor com o autor diante deste gênero, o que se materializa na maneira que a obra deve ser tratada, tanto em sua escrita como em sua leitura. Para que o pacto possa ser completo existem regras que devem ser seguidas como o título da obra, nome do autor e estilo de escrita tem que abarcar categorias específicas tais como: autor e obra devem ter o mesmo nome, a escrita tem que ser em primeira pessoa, entre outras regras funcionais na construção do texto autobiográfico.

Nessa definição entram em jogo elementos pertencentes a quatro categorias diferentes:

1. Forma da linguagem:

Narrativa;

Em prosa.

2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade.

3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.

4. Posição do narrador:

a) identidade do narrador e do personagem principal;

b) perspectiva retrospectiva da narrativa.

É uma autobiografia toda obra que preenche ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma dessas categorias. Os gêneros vizinhos da autobiografia não preenchem todas essas condições. (LEJEUNE, 2008, p.16, 17)

O esquema montado pelo autor é apenas um início de definição do que seria a escrita

³ Entende-se aqui, “real maravilhoso”, a partir do prólogo escrito em 1949, para o livro *O Reino deste Mundo*, por Alejo Carpentier (1985), para quem “o real maravilhoso é um patrimônio cultural da América Latina. Tudo isso ficou particularmente evidente durante minha permanência no Haiti, quando vivi em contato diário com aquilo que poderíamos chamar de Realidade Maravilhosa. [...] a cada passo encontrava a Realidade Maravilhosa. Pensava também que essa presença e vigência da Realidade Maravilhosa não era privilégio único do Haiti, senão um patrimônio de toda a América, onde ainda não se conclui, por exemplo, um inventário de cosmogonias”.

autobiográfica. Ao longo de seu estudo Lejeune (2008) vai aprimorando pesquisas e abarcando outras características essenciais ao texto autobiográfico. Posteriormente, sua pesquisa vai expandir, demonstrando outras modalidades que são construções autobiográficas e de quais maneiras diferentes escritos podem ser apresentados na perspectiva autobiográfica, como cinema, cartas, diários, blogs, entre outros. Apesar destas variações na forma da escrita autobiográfica, o ponto inicial que é o pacto leitor/autor, sempre deve ser mantido.

A complexidade da escrita autobiográfica pode ser observada na própria construção do livro *O Pacto autobiográfico* (2008). A cada momento de sua pesquisa o autor observa a diversidade destas escrituras. Segundo Lejeune, por muito tempo, a escrita autobiográfica foi vista apenas como uma jogada comercial, explorada apenas pelo nome do autor que tinha o nome na capa do livro. O autor explica que o caráter autobiográfico de uma narrativa o levou, por diversas vezes, a ser menosprezado, muitas vezes os escritos autobiográficos foram analisados como uma “literatura menor” e o estilo de leitura da escrita autobiográfica não considerava a complexidade destes textos, que vão muito além de uma pessoa real falando sobre si.

O ato de rememorar é uma autoanálise da construção do sujeito autobiográfico. O autor de um texto autobiográfico entra num processo de ressignificação de si próprio.

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passada pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de ‘identidade narrativa’, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. (LEJEUNE, 2008, p. 121)

Durante o processo da escrita autobiográfica se ultrapassa a relação entre primeira e terceira pessoa. A autobiografia é uma construção de conhecimento do sujeito, não apenas do leitor para com o autor, mas também do próprio autor consigo. Esse processo é de extrema importância, o explícito e o implícito é essencial para analisar o autor e sua obra. Neste sentido, é importante pensarmos em como se dá o processo desta escrita. Para tal, precisamos pensar na construção da memória do autor. Como o trabalho com a memória é explorado na escrita autobiográfica e como ele é transportado para o papel.

Nesta reflexão retomamos um dos primeiros textos que demonstram a relação entre memória e escrita, *As Confissões* (1987) de Santo Agostinho. Em suas confissões, Agostinho relata os processos de construção de sua própria fé, contudo, ao iniciar esse processo de

autoanálise ele acaba realizando não apenas um relato confessional, mas uma descrição de sua própria vida.

Quando poderei eu descrever, com a língua de minha pena, enumerar todas as vossas solicitações, terrores, consolações e incitamentos com que me introduzistes a pregar a vossa palavra e distribuir a vossa doutrina ao vosso povo? Mesmo que fosse capaz de as enunciar por ordem, cada gota de tempo me é preciosas. Desde menino que anseio ardentemente meditar a vossa lei, e nela confessar-Vos a minha ciência e imperícia, os primeiros alvares da iluminação da minha alma e os restos das minhas trevas, até que a minha fraqueza seja absorvida pela vossa fortaleza. (AGOSTINHO, 1987, p. 209)

É importante observar que Agostinho não está falando de si no sentido autobiográfico de registro de sua vida, mas no aspecto espiritual, ou seja, na busca de conhecimento de si. Ao escrever suas confissões, Agostinho está buscando não apenas uma maneira de relatar os seus ensinamentos, mas também uma maneira de entender a si mesmo e sua relação com a própria fé. Nesta perspectiva a construção de um texto como de Agostinho passa pelo mesmo processo de auto significação que observamos no texto autobiográfico.

Segundo Diana Klinger “As *Confissões de Agostinho*, que inauguram certa ‘autobiografia espiritual’, procedem desta exigência dogmática de apresentar ante Deus o balanço de todos os atos, pensamentos e intenções da alma.” (KLINGER, 2007, p. 25). Assim, ao colocar no papel as suas confissões é possível que ele repense sua existência e avalie suas atitudes como um ato de reflexão de sua alma e construa um texto autobiográfico de sua própria fé. A escrita de si se afasta das primeiras definições colocadas por Lejeune (2008) ao se colocar no campo não linear da lembrança que recorre à memória com o intuito de análise e não apenas de relato fiel da realidade.

Santo Agostinho trabalha com a construção de si através da escrita confessional na qual, o próprio autor extrapola o parâmetro da lembrança como uma simples colocação dos fatos acontecidos. Observamos em Agostinho um dos primeiros relatos de como funciona a memória no qual o autor escolhe quais pontos de sua existência devem ser relatados e, o mais importante, como devem ser relatados. O ato da lembrança em si torna-se de extrema importância, pois não é mais apenas uma relação entre o fato e o escrito, mas de como esse escrito é analisado pelo próprio autor. Para melhor compreender devemos nos deter em como funciona o processo de recordar.

A nossa memória não é linear e um dos principais problemas que muitas autobiografias encontram é como dar um tempo e espaço linear a algo que naturalmente não o é. Para exemplificar este processo na formulação da memória pensemos no campo da física. A física

einsteiniana comprova que não há uma linearidade temporal quando observamos o universo. Segundo Einstein [1879 – 1955], as ondas gravitacionais geradas a partir de uma força de atração agem distorcendo o espaço e o tempo no universo.

Este conceito na física demonstra como o espaço e tempo são uma coisa só e à medida que se tem a interação de objetos muito maciços, para os quais a força da gravidade é muito grande, eles produzem ondas que se propagam pelo espaço e tempo. Estas ondas produzem feixes de energia que distorcem o tecido do espaço-tempo. Este conjunto de quatro dimensões formado por tempo e espaço tridimensional demonstra que o nosso tempo não é um ponto fixo numa linha temporal, mas ondas que se movem e poderiam, teoricamente, ser rompidas pelas leis da física.

Assim, o nosso tempo não é um ponto fixo numa linha temporal, mas ondas que se movem e poderiam, teoricamente, ser rompidas pelas leis da física. Este ponto ainda é teórico para o mundo dos físicos, mas nas conexões realizadas em nosso cérebro e na literatura, ao embarcar no campo da memória, o rompimento é facilmente realizado. O relembrar se aproxima muito da teoria da física, ao fazermos o exercício de rememorar não temos um ponto de início, meio e fim como gostamos de imaginar. A memória é fluida, segue as ondas das emoções e está diretamente ligada à maneira como nos lembramos de determinados eventos.

A tentativa de dar forma a esta fluidez do tempo e da memória é o processo no qual entra o autor ao se propor uma escrita autobiográfica. Nesta tentativa, ainda, o autor deve lidar com o referencial histórico do momento de sua escrita, neste ponto nos voltamos para as escritas de si. Ao refletir sobre a escrita de si Klinger (2007), observa como desde a antiguidade as escritas têm um aspecto muito mais significativo do que apenas o retrato de uma pessoa.

Foucault mostra de que forma a escrita de si não é apenas um registro do eu, mas – desde a Antiguidade clássica até hoje, passando pelo cristianismo da Idade Média – constitui o próprio sujeito, performa a noção de indivíduo. O discurso autobiográfico, que se constitui na modernidade em continuidade com esse paradigma, como exacerbação do individualismo burguês, será o pano de fundo sobre o qual se constrói e, ao mesmo tempo, se destaca o discurso da autoficção. (KLINGER, 2007, p. 22)

A realização da escrita de si é um processo de construção do próprio sujeito. Ao escrever sobre nós, passamos por um percurso que envolve nossa memória pessoal, analisada desde um ponto, no futuro, no qual os fatos não podem mais ser alterados, mas podem ser analisados. A maneira como a memória é narrada revela muito mais sobre o nosso eu atual do que sobre o nosso eu do passado. Voltemos um momento para o mundo da física e pensemos no universo.

Quando olhamos para o universo estamos vendo o passado. Para a física o universo é a soma do espaço, do tempo e as mais variadas formas de matéria, como planetas, estrelas, galáxias. Seguindo as definições das leis da física e os estudos de Stephen Hawking [1942-2018], entendemos que ao observar uma galáxia estamos olhando para o universo em um tempo anterior, pois a luz viaja em velocidade finita.

Sendo assim, a luz emitida por uma estrela chega a nós no presente, mas tem sua origem no passado. Por exemplo pensemos na galáxia de Andrômeda que está localizada a cerca de 2,54 milhões de anos-luz de distância da Terra, isso significa que a luz que chega até nós hoje de Andrômeda saiu há 2,54 milhões de anos. “À medida que avançamos rumo ao passado, descendo o cone a partir do vértice, vemos galáxias em épocas cada vez mais antigas”. (HAWKING, 2016, p. 46).

Da mesma forma que o observador descrito por Hawking, ao olhar para a autobiografia de Gabriel García Márquez, estamos olhando para o passado no tempo de escrita do autor. Assim, o relato da escrita de si está diretamente ligado à construção de sujeito e consequentemente ao momento histórico observado pelo sujeito que escreve.

As escritas de si são parte da história pessoal do autor e ao mesmo tempo estão atravessadas por uma memória coletiva. Elas marcam não apenas o relato oficial da história, mas as construções sociais de cada sujeito. Neste aspecto, o livro *Viver para Contar* (2003b) de García Márquez se afasta da escrita autobiográfica, tomando um caráter literário, ao abordar a memória do autor que, analisa a construção de sua existência, ficando no limiar entre a escrita de si e o texto autobiográfico.

Na obra de García Márquez observamos que elementos da esfera social, da história e da própria vida do autor estão de tal maneira fundidos que apenas em uma construção híbrida, seria possível elaborar.

La del 27 de julio de 1950, en la casa e la Negra Eufemia, tuvo un cierto valor histórico en mi vida de escritor. No sé por qué buena causa la dueña había ordenado un sancocho épico de cuatro carnes, y los alcaravanes alborotados por los olores montaraces extremaron los chillidos alrededor del fogón. Un cliente frenético agarró un alcaraván por el cuello y lo echó vivo en la olla hirviendo. El animal alcanzó apenas a lanzar un aullido de dolor con un aletazo final y se hundió en los profundos infiernos. El asesino bárbaro trató de agarrar otro, pero la Negra Eufemia estaba ya levantada del trono con todo su poder.

— ¡Quietos, carajo — gritó —, que los alcaravanes les van a sacar los ojos! Solo a mí me importó, porque fui el único que no tuvo alma para probar el sancocho sacrílego. En vez de irme a dormir me precipité a la oficina de Crónica y escribí de un solo trazo el cuento de tres clientes de un burdel a

*quienes los alcaravanes les sacaron los ojos y nadie lo creyó.*⁴ (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 405, 406)

Observa-se um elemento essencial na forma como o autor trabalha o texto autobiográfico, muitas vezes se aproxima tanto da ficção que parece impossível reconhecer suas margens, ficção? Autobiografia? Escrita de si? Autoescrita?

No cotejamento da relação entre textos autobiográficos e escritas de si, tomamos a obra *Viver para Contar* (2003b) de García Márquez, que é classificada como uma autobiografia, contudo, traz marcas da escrita de si, com elaborações ficcionais, tornando-se um texto híbrido. O autor é o mesmo do título da obra, a base inicial do pacto é firmada entre o autor e leitor, mas diferentemente dos primeiros estudos definidos por Lejeune (2008), García Márquez trabalha com a construção de seu próprio personagem, viajando nos campos da memória e na construção de si.

Quem é Gabriel García Márquez na visão do próprio autor? Para realizar uma construção híbrida, o autor nos apresenta uma narrativa fundada no livre fluxo de consciência, a qual conduz o leitor a diferentes momentos de sua vida. O autor trabalha com personagens reais descritos como criaturas fantásticas, embaralhando fatos de suas lembranças apresentadas ao leitor.

*Mi último recuerdo de su esposa Wenefrida fue el de una noche de grandes lluvias en que la exorcizó una hechicera. No era una bruja convencional sino una mujer simpática, bien vestida a la moda, que espantaba con un ramo de ortigas los malos humores del cuerpo mientras cantaba un conjuro como una canción de cuna. De pronto, Nana se retorció con una convulsión profunda, y un pájaro del tamaño de un pollo y plumas tornasoladas escapó de entre las sábanas. La mujer lo atrapó en el aire con un zarpazo maestro y lo envolvió en un trapo negro que llevaba preparado. Ordenó encender una hoguera en el traspatio, y sin ninguna ceremonia arrojó el pájaro entre las llamas. Pero Nana no se repuso de sus males.*⁵ (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 85, 86)

⁴ A do dia 27 de julho de 1950, na casa de festas da Negra Eufemia, teve certo valor histórico em minha vida de escritor. Não sei qual terá sido a boa razão que levou a dona da casa a encomendar um sancocho épico de quatro carnes, e ao redor do fogão os alcaravões, alvoroçados pelos odores indomáveis, elevaram seus chiados ao máximo. Um cliente frenético agarrou um pelo pescoço e atirou-o ainda vivo dentro do caldeirão. O bicho mal conseguiu lançar um uivo de dor com um derradeiro agitar de asas, e afundou nos infernos profundos. O assassino bárbaro tratou de agarrar outro, mas a Negra Eufemia já tinha se levantado de seu trono com todo seu poder.

— Quietos, caralho! — gritou —, esses bichos vão acabar arrancando seus olhos!

Fui o único a se importar, porque também fui o único que não teve alma para provar o sancocho sacrílego. Em vez de ir dormir, me precipitei para redação de Crônica e escrevi num só fôlego o conto de três cliente de um bordel, cujos olhos são arrancados pelos alcaravões, e ninguém acreditou na história. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 363, 364).

⁵ Minha última lembrança de sua esposa Wenefrida foi a da noite de grandes chuvas em que uma feiticeira a exorcizou. Não era uma bruxa convencional e sim uma mulher simpática, bem vestida e na moda, que espantava com um ramo de urtigas os maus humores do corpo enquanto catava um esconjuro que parecia uma canção de ninar. De repente, Nana se retorceu com uma convulsão profunda, e um pássaro do tamanho de um frango e de

García Márquez também deixa claro desde a epígrafe, citada no início deste artigo, que algumas partes de sua obra podem não retratar a realidade da maneira como outras pessoas se lembram, mas, a sua versão da realidade. A maneira como García Márquez trabalha com suas memórias é uma construção temporal de seu próprio Eu.

*Ni mi madre ni yo, por supuesto, hubiéramos podido imaginar siquiera que aquel cándido paseo de sólo dos días iba a ser tan determinante para mí, que las más larga y diligente de las vidas no me alcanzaría para acabar de contarlo. Ahora, con más de setenta y cinco años bien medidos, sé que fue la decisión más importante de cuantas tuve que tomar en mi carrera de escritor. Es decir: en toda mi vida.*⁶ (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 11)

Viver para Contar (200b) se aproxima das escritas de si, passa a ser mais do que apenas um pacto de narrativa que reflete a absoluta verdade como o texto autobiográfico, tomando um caráter de construção do sujeito. O próprio Lejeune (2008), coloca que o termo “pacto” se tornou muito forte para definir este tipo de escrita. Na contemporaneidade observam-se cada vez mais livros como o de García Márquez, no qual o campo da autobiografia e da escrita de si se fundem, fazendo aparecer um texto híbrido, com a fusão de dois, ou mais estilos de escritas o qual ao nosso ver se torna um híbrido em seu próprio estilo, sendo assim, definido como autoescrita.

Desde a primeira definição de texto autobiográfico proposto por Lejeune, passando por diversas leituras de textos formadores deste estilo, percebemos o quão complexa é a construção de uma obra autobiográfica. Em *Viver para Contar* (2003b), observamos essa complexidade durante toda a narrativa. A princípio, é possível verificar que o formato da autobiografia de García Márquez diferencia-se do que o leitor está habituado a entender como uma autobiografia; a narrativa segue um fluxo de consciência que transporta o leitor durante diferentes épocas da vida do autor. Durante os relatos, temos pontos da vida de García Márquez que parecem parte do real maravilhoso pelo estilo da narrativa.

Para mí era un lugar histórico: a mis tres o cuatro años, en el curso de mi primer viaje a Barranquilla, el abuelo me había llevado de la mano a través

penas furta-cor escapou do meio dos lençóis. A mulher agarrou-o no ar com um bote de mestre e envolveu-o num trapo negro, que já estava preparado. Mandou acender uma fogueira no quintal dos fundos, e sem nenhuma cerimônia atirou o pássaro no meio das chamas. Mas Nana não se recompôs de seus males. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 75).

⁶ Nem minha mãe nem eu, é claro, teríamos podido nem mesmo imaginar que aquele cándido passeio de dois únicos dias seria tão determinante para mim a mais longa e diligente de todas as vidas não me bastaria para acabar de conta-lo. Agora, com mais de setenta e cinco anos bem pesados, sei que foi a decisão mais importante de todas as que tive que tomar na minha carreira de escritor. Ou seja: em toda a minha vida. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 9).

de aquel yermo ardiente, caminando deprisa y sin decirme para qué, y de pronto nos encontramos frente a una vasta extensión de aguas verdes con eructos de espuma, donde flotaba todo un mundo de gallinas ahogadas. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 20)⁷

A narrativa contém o elemento do real maravilhoso, o autor narra sentimentos que expressam mais daquele momento do que uma simples lembrança de um menino de três anos. Em diversos momentos como este, o leitor se sente diante de uma obra ficcional que está sendo moldada como um relato real. O autor narra não apenas um momento de sua vida, mas constrói a sua relação com o avô, com a casa onde cresceu, com a cidade e seus primeiros contatos com o mundo. O trabalho do autor com suas lembranças vão além do texto autobiográfico, como ele mesmo diz, suas visões o perseguem: “*hasta que conseguí exorcizarla en un cuento.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 31)⁸. Nas memórias de García Márquez confluem o real e o ficcional como tessitura narrativa.

Gabriel García Márquez coloca o leitor em um ponto de total ambiguidade, estamos lendo uma autobiografia que foi escrita pelo autor, cujo nome título está na capa do livro, mas, ao mesmo tempo, somos apresentados a lembranças que parecem sair do mundo da ficção e percebemos como o real relatado por García Márquez aparece no maravilhoso narrado em suas obras ficcionais e um desses recursos escriturais não se sustenta sem o outro. O texto remete ao primeiro parágrafo de *Cem anos de Solidão*⁹. “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003a, p. 7).

A ocasião aqui transformada em ficção aparece na autoescrita, no momento em que o avô de García Márquez o leva para conhecer, pela primeira vez o gelo, quando pequeno. O autor faz confluir relatos da autobiografia a obras de ficção, anteriormente escritas por ele mesmo. Desta forma, o leitor é colocado diante da incerteza entre o real e o ficcional, tal como o narrador diz: “*El recuerdo es nítido, pero no hay ninguna posibilidad de que sea cierto*”¹⁰. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 72).

Neste sentido, o autor rompe com o pacto estabelecido por Lejeune para a autobiografia e vai além da escrita de si ao fundir o real, o histórico e o ficcional. O real e o imaginado se

⁷ Para mim, era um lugar histórico: aos meus três ou quatro anos, durante minha primeira viagem a Barranquilha, meu avô tinha me levado pela mão através daquele imenso baldio ardente, caminhando depressa e sem me dizer para quê, e de repente nos encontramos diante de uma vasta extensão de águas verdes com golfadas de espumas, onde flutuava um mundo inteiro de galinhas afogadas. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 17).

⁸ Até que conseguí exorcizá-la em um conto. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 27).

⁹ A data da primeira publicação de *Cem anos de Solidão* é de 1967. Para este texto tomamos a edição de 2003.

¹⁰ A lembrança é nítida, mas não existe a menor possibilidade de ser verdadeira. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 64).

confundem, tornando a escrita um híbrido entre ficção, autobiografia e escrita de si. O leitor entra no mundo da memória do autor, onde fatos históricos se transformam no real maravilhoso.

A ambiguidade se instaura para o leitor, contudo, os relatos não são vistos pelo autor como uma quebra do pacto com o leitor que espera o relato real de sua vida, eles são colocados como o processo de construção da vida como “autor”, temos, então, o autor incorporando para si o personagem que ele cria de si mesmo, transformando histórias que ouviu na infância, em narrativas de caráter próprio do real maravilhoso.

Nesse processo de escrita, há uma justaposição entre as categorias autor, personagem e narrador em confluência entre autobiografia, memória e ficção, por isso denominamos tal *modus operandi* de autoescrita, sendo, tal modo de narrar, bastante expressivo na obra de García Márquez.

Durante toda a narrativa de *Viver para Contar* (2003b), encontramos referências a outras obras do autor, o que torna claro, não se tratar apenas de uma questão de não cumprimento do pacto com o leitor no relato da verdade, mas que esta é a “realidade” do autor. Segundo Andrei Tarkovsky.

O tempo e a memória incorporam-se numa só entidade são como os dois lados de uma medalha. É por demais óbvio que, sem o Tempo, a memória também não pode existir. A memória, porém é algo tão complexo que nenhuma relação de todos os seus atributos seria capaz de definir a totalidade das impressões através das quais ela nos afeta. A memória é um conceito espiritual! Se, por exemplo, alguém nos fizer um relato das suas impressões da infância, poderemos afirmar, com certeza, que temos em nossas mãos material suficiente para formar um retrato completo dessa mesma pessoa. (TARKOVSKY, 1998, p. 64, 65)

Neste sentido, a autoescrita de Gabriel García Márquez se mostra uma construção literária que justapõe a escrita de si, o autor manipula a sua própria percepção do tempo para construir o relato pessoal. No texto de García Márquez temos, também, aspectos que confluem com o pacto autobiográfico definido por Philippe Lejeune (2008), em conjunto com partes que rompem totalmente com o pacto.

En ésas andaba una noche de domingo en que por fin me sucedió algo que merecía contarse. Había pasado casi todo el día ventilando mis frustraciones de escritor con Gonzalo Mallarino en su casa de la avenida Chile, y cuando regresaba a la pensión en el último tranvía subió un fauno de carne y hueso en la estación de Chapinero. He dicho bien: un fauno. Noté que ninguno de los escasos pasajeros de medianoche se sorprendió de verlo, y eso me hizo pensar que era uno más de los disfrazados que los domingos vendían de todo en los parques de niños. Pero la realidad me convenció de que no podía

*dudar, porque su cornamenta y sus barbas eran tan montaraces como las de un chivo, hasta el punto que percibí al pasar el tufo de su pelambre. [...] la mañana siguiente ya no supe si en realidad había visto un fauno en el tranvía o si había sido una alucinación dominical.*¹¹ (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 295)

A autoescrita de García Márquez é uma manipulação do tempo e da memória, tal como a teoria da física, o autor viaja por diversos momentos de sua memória e a partir dessa viagem constrói uma ressignificação de si mesmo, como autor/escritor/jornalista, atividades intelectuais e atividades prosaicas do cotidiano, filho/marido.

Definir esta obra como autobiográfica apenas por que o autor é o mesmo que tem seu nome na capa seria uma definição superficial e limitante. O que torna o texto uma autoescrita é o seu aspecto híbrido que o define como uma representação não apenas dos fatos reais da vida do autor, mas também de sua reflexão crítica durante sua formação como escritor e fatos históricos recontados através do olhar de quem escreve.

Como o próprio autor coloca a sua real proposta sempre se voltou na busca de criar a narrativa perfeita.

*Esto coincidía con mi determinación de aprender a construir una estructura al mismo tiempo verosímil y fantástica, pero sin resquicios. Con modelos perfectos y esquivos, como Edipo rey, de Sófocles, cuyo protagonista investiga el asesinato de su padre y termina por descubrir que él mismo es el asesino; como 'La pata de mono', de W. W. Jacob, que es el cuento perfecto, donde todo cuanto sucede es casual*¹². (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 294)

Nesta narrativa autobiográfica, o autor cria o próprio personagem, que se transformou mais tarde no autor consagrado e reconhecido mundialmente. “*Muchas de las novelas que entonces leía y admiraba sólo me interesaban por sus enseñanzas técnicas. Es decir: por su carpintería secreta.*”¹³ (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 297).

¹¹ Nessas andava eu numa noite de domingo quando enfim me aconteceu uma coisa que valia a pena ser contada. Eu tinha passado quase que o dia inteiro ventilando minhas frustrações de escritor com Gonzalo Mallarino na sua casa da avenida Chile, e quando voltava para a pensão no último bonde um fauno de carne e osso subiu na estação Chapinero. O que eu falei foi isso mesmo: um fauno. Notei que nenhum dos escassos passageiros da meia-noite se surpreendeu ao vê-lo, e isso me levou a pensar que era apenas mais um daqueles disfarçados que nos domingos vendiam de tudo para as crianças nos parques. Mas a realidade me convenceu de que eu não podia duvidar, porque seu conjunto de cornos e suas barbas eram tão rústicos como os de um bode a ponto de sentir o cheiro desagradável de seu pelame ao passar por ele. [...] Na manhã seguinte eu já não sabia se na verdade tinha visto o fauno no bonde ou se tinha sido uma alucinação dominical. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 262, 263).

¹² Aquilo coincidiu com minha determinação de aprender a construir uma estrutura ao mesmo tempo verossímil e fantástica, mas sem resquícios. Com modelos perfeitos e esquivos, como *Édipo rei*, de Sófocles, cujo protagonista investiga o assassinato de seu pai e termina por descobrir que ele próprio é o assassino; como ‘A pata do macaco’, de W. W. Jacob, que é o perfeito, onde tudo que acontece é casual. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 262).

¹³ Muitos dos romances que eu lia e admirava naquele tempo só me interessavam por causa de suas lições técnicas. Quer dizer: pela sua carpintaria secreta. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 264).

García Márquez não está apenas escrevendo um texto autobiográfico para narrar, fielmente sua vida, nem está totalmente desligado dos aspectos autobiográficos, voltando-se à escrita de si, mas fazendo um retrospecto de sua formação como autor, na tentativa de entender como esse processo influenciou seu papel como escritor latino-americano.

Ao construir a narrativa de *Viver para Contar* (2003b), o autor constrói o seu próprio personagem, Gabriel García Márquez, e nessa construção relata exatamente o que se propõe em sua epígrafe, um relato da sua vida, não totalmente real, mas ao mesmo tempo real para o autor que traz o nome na capa. O autor deixa claro em diversos momentos do seu texto que essas são as suas lembranças: “*En los años em que evoco estas memorias*”.¹⁴ (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 493). A fusão entre o real e o imaginário do autor é o que vai ser expresso durante toda a narrativa, potencializando a significação do texto híbrido. A obra revela em diferentes níveis a vida do autor.

O caráter híbrido e a diversidade dos modos de escrever constituem características apontadas por pesquisadores da literatura e pelos próprios escritores latino-americanos, ao se referirem ao panorama literário contemporâneo. García Márquez demonstra em sua autoescrita o quanto de sua própria vida está em sua obra, assim nenhuma parte do híbrido autor que é García Márquez pode ficar de fora na análise de sua obra.

O recurso ao traço autobiográfico e à memória, a assimilação do discurso histórico, a mistura de gêneros, tais como o ensaio, a crítica e o romance, o cruzamento da literatura com as artes contemporâneas, a experiência do exílio, do deslocamento e da crise da identificação com a língua e a cultura de origem, assim como as complexas relações entre escritura e política, configura um conjunto rico de questões para se pensar, a partir da obra de García Márquez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

García Márquez apresenta em *Viver para Contar* (2003b), uma escrita híbrida, na qual observamos uma reelaboração temporal de diversos momentos históricos e referências, essenciais da memória pessoal do autor. A reflexão que o autor faz do ato em si da escrita, talvez seja um dos aspectos fundamentais em suas construções literárias, contudo, não muito estudado nas obras deste autor.

O texto de García Márquez demonstra diversas facetas do modo de escrever do autor, sendo o real maravilhoso apenas uma delas, pois um autor híbrido que a cada obra se

¹⁴ Nos anos em que evoco essas memórias. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003b, p. 444).

ressignifica. García Márquez nos apresenta sua própria maneira de reescrever um momento histórico, seja esse momento pessoal ou coletivo. Em sua autoescrita temos um autor que escreve o seu próprio Eu, o grande autor consagrado e premiado se volta para sua formação, tanto como pessoa como escritor e nos apresenta o autor pensando sua própria existência na reconfiguração de si, passa a pensar sua escrita ficcional, seu papel como autor, como filho, como jornalista.

Assim, entende-se por autoescrita – a junção de autobiografia e escrita de si. O termo que é por si um próprio híbrido, abre para explicar outro híbrido, a obra de *Viver para Contar* (2003b). A narrativa de vida de Gabriel García Márquez que narra não apenas um momento de sua vida, mas mostra ao leitor a sua relação com o avô, com a casa onde cresceu, com a cidade e seus primeiros contatos com o mundo, tornando os fatos mais simples de sua vida em peças de um grande quebra cabeça, onde cada uma dessas peças faz parte de uma imagem maior.

As memórias de García Márquez refratam as ondas do real e do ficcional como um simples caractere dentro da narrativa, uma mudança de página, uma linha em um conjunto de linhas temporais, no qual o real e o maravilhoso se cruzam construindo uma história.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Trad. João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1985.

CAVALHEIRO, Kaline. **Autobiografia e Memória em Gabriel García Márquez: Ficcionalização de Si**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3094>. Acesso em: 20 ago. 2021.

EINSTEIN, Albert. **A Teria da Relatividade: sobre a teoria da relatividade especial e geral**. Trad. Silvio Levy, Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HAWKING, Stephen. **O Universo numa casca de Noz**. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1

98038. Acesso em: 10 jan. 2018.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto Autobiográfico**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão**. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003a.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cheiro de Goiaba**: conversas com Plínio Apuleyo Mendoza. Trad. Eliane Zagury. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Textos Caribenhos**: 1948-1952. Trad. Joel Silveira. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver Para Contar**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003b.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Vivir Para Contarla**. Sexta edición. España: Penguin Random House Grupo Editorial, S.A.U., 2015.

TARKOVSKY, Andreaei Arsensevich. **Esculpir o Tempo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido: 10/01/2022
Aprovado: 17/06/2022